

“Operação Flagelados”: a migração em massa de nordestinos para diversas regiões do país e a política de escoamento forçada do governo federal (Ceará, 1958-1959)

“Operation Flagelados”: the mass migration of people from the Northeast to different regions of the country and the federal government’s forced removal policy (Ceará, 1958-1959)

Renata Felipe Monteiro*

Resumo: Em 1958, os nordestinos vivenciaram uma das maiores intempéries climáticas do século XX, com a ocorrência de diversas problemáticas relacionadas à seca, tais como fome, doenças e morte. A migração tornou-se assim a última instância para a sobrevivência. Uma das principais capitais que recebeu esses sujeitos em deslocamento foi Fortaleza, no Ceará. Um dos motivos para tal ocorrência era a existência de uma hospedaria, denominada Getúlio Vargas, que desde 1943 recebia os retirantes, concedendo passagens subsidiadas pelo governo federal. Mas a respectiva instituição, que foi criada para receber até 1.200 sujeitos, no período mais crítico da seca de 1958, chegou a ter em suas instalações o quantitativo de aproximadamente 12 mil pessoas. Com medo que essas pessoas pudessem se revoltar, como efetivamente ocorreu durante aquele ano, o governo federal decidiu organizar uma força tarefa que envolveu diversos agentes, inclusive Marinha, Exército e Aeronáutica, realizando uma migração em massa e forçada, que foi denominada “Operação Flagelados”. Uma operação, que foi realizada entre fins de 1958 e início de 1959, com o intuito de deslocar milhares de sujeitos para diversas regiões do país, mas, sobretudo, para a região amazônica. A partir da análise de diversas fontes, tais como jornais, documentos oficiais e entrevistas, conseguimos

* Doutora em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professora de História da Prefeitura Municipal de Fortaleza. E-mail: renata.felipe.monteiro@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2333-9188>.

debater sobre as consequências dessa decisão, que culminaram na proposta de criação de hospedarias rurais nas cidades de Fortaleza, Belém e Manaus.

Palavras-chave: sertanejos; Hospedaria Getúlio Vargas; migração; operação flagelados.

Abstract: In 1958, the people of Northeast Brazil experienced one of the greatest climate adversities of the 20th century, facing numerous problems related to drought, such as hunger, disease, and death. Migration thus became a last resort for survival. One of the main capitals that received these displaced individuals was Fortaleza, in the state of Ceará. One reason for this was the existence of a shelter called Getúlio Vargas, which had been receiving drought migrants since 1943, providing government-subsidized travel tickets. However, this facility, which was originally designed to accommodate up to 1,200 people, reached a critical point during the peak of the 1958 drought, sheltering approximately 12,000 individuals. Fearing that these people might revolt—as in fact happened that year—the federal government decided to organize a task force involving various agencies, including the Navy, Army, and Air Force, to carry out a mass and forced migration known as “Operação Flagelados” (“Operation Victims of Calamity”). This operation took place between the end of 1958 and the beginning of 1959, with the goal of relocating thousands of individuals to various regions of the country, but primarily to the Amazon region. Through the analysis of various sources — such as newspapers, official documents, and interviews — it is possible to discuss the consequences of this decision, which ultimately led to the proposal for the creation of rural shelters in the cities of Fortaleza, Belém, and Manaus.

Keywords: Sertanejos; Getúlio Vargas Hostel; migration; operation flagellates.

Introdução

NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1958, os cearenses Ana Chélida dos Santos e Francisco Tavares Filho (primos) embarcaram, junto com seus irmãos e pais, no navio *Almirante Alexandrino*, saindo de Fortaleza rumo à Hospedaria da Ilha de Flores (Rio de Janeiro). A viagem foi financiada pelo governo federal, pois os mesmos haviam se inscrito voluntariamente na Hospedaria Getúlio Vargas no intuito de obter passagens subsidiadas. Uma prática que era recorrente desde a década de 1940, quando o presidente Getúlio Vargas e sua cúpula governamental, na denominada “batalha da borracha”,¹ organizou a criação de diversos pousos

1 Em março de 1942, alguns acordos entre Brasil e EUA foram assinados com o propósito de explorar diversas matérias-primas, dentre elas a borracha. Assim, houve a criação de órgãos e equipamentos que visavam agilizar o deslocamento de milhares de nordestinos para a Amazônia. Podemos citar, por exemplo, a criação do Serviço Especial de Mobilização dos Trabalhadores para a Amazônia (Semta) nesse período. Ver: BARBOZA, Edson Holanda Lima. *Ida ao Inferno Verde: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942-1945)*. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, 2005. GOIS, Sarah Campelo Cruz. *As linhas tortas da migração: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942-1944)*. 2013.

e hospedarias em regiões do Norte e do Nordeste, com o intuito de otimizar o deslocamento de milhares de nordestinos para a região amazônica, que seriam responsáveis pela extração da borracha nos seringais.

A migração de Ana Chélida e Francisco Tavares, porém, não ocorreu com o mesmo propósito de outrora, ou seja, de partir em direção aos seringais amazônicos. Naquele ano de 1958, período de uma grande estiagem, milhares de nordestinos se encaminharam para a Hospedaria Getúlio Vargas, instituição federal inaugurada em 15 de março de 1943. Mas, diante da superlotação, os migrantes foram forçados a se deslocar para as regiões Sudeste, Sul, Centro-Oeste e, sobretudo, para o Norte em uma operação denominada “Operação Flagelados”. Uma força tarefa que reuniu órgãos ligados à migração, tal como o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), assim como o Exército, a Aeronáutica e a Marinha. O intuito era realizar a migração em massa de aproximadamente 12 mil pessoas, que se encontravam abrigadas na respectiva hospedaria e nas suas adjacências, tendo em vista que o recinto de hospedagem poderia abrigar até 1.200 sujeitos. Havia assim um grande temor, por parte dos administradores do espaço e das autoridades governamentais, que essa multidão se revoltasse, efetuando um quebra-quebra no local, como efetivamente ocorreu, por exemplo, em maio de 1958, quando os sertanejos expulsaram o administrador da hospedaria, Waldemar Nepomuceno.

É importante problematizar, contudo, a nomenclatura atribuída a esta operação responsável pelo encaminhamento de milhares de sujeitos, tendo em vista que os agentes do poder percebiam aqueles migrantes abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas simplesmente como seres fragilizados e castigados pelos efeitos da seca e sem condições de decidir para quais locais seriam deslocados. Questão que irá se refletir no processo de migração dessas pessoas, sendo a imensa maioria obrigada a migrar para as regiões que os dirigentes da operação decidiam, como veremos a seguir.

No caso dos migrantes que adentraram a cidade de Fortaleza nos períodos de secas, sobretudo entre 1951-53 e 1958, outras denominações foram atribuídas: transformavam-se em retirantes e flagelados. Assim eram denominados (na imprensa, pelas autoridades governamentais, por entidades religiosas e de caridade etc.) homens e mulheres que durante as estiagens davam início a sua diáspora rumo à capital cearense. Em alguns jornais da década de 1950, encontra-se também a denominação de “deslocados da seca”.

Cada classificação, contudo, carregava uma carga (pesada) de sentimentos: na seca de 1877-79, eram os sertanejos retirantes, que, acuados pelas intempéries da estiagem e

198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza, 2013. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. 1999. 310 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 1999. MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002. SECRETO, Maria Verônica. A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. **Estudos Históricos**, n. 40, p. 115-135, 2007.

sem possibilidades de sobrevivência em suas paragens de origem, viam-se obrigados a migrar, retirando-se – momentaneamente – em longas caminhadas para outros lugares. Durante a seca em 1915, no entanto, mudam-se os nomes e as perspectivas em torno desses sujeitos. Não eram mais retirantes, mas vítimas do flagelo da seca ou apenas flagelados. Mas, como salienta Neves, a mudança “não era inocente nem casual”, pois “flagelado dilui os sofrimentos e a própria configuração sociológica das maiores ‘vítimas da seca’, melhor expresso em retirante”.² Já os “deslocados da seca” seriam aqueles sujeitos que se deslocavam rumo a Fortaleza, mesmo em períodos de estabilidade climática, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Um grupo que era veementemente combatido pelos agentes do poder, pois iriam “esvaziar” o campo caso houvesse uma migração em massa. Neste artigo, optou-se por denominar esses sujeitos em deslocamento ora como sertanejos, ora como retirantes.

Com isso, o intuito deste artigo é analisar e debater sobre essa força tarefa, denominada “Operação Flagelados” e suas implicações para os sertanejos envolvidos nessa migração forçada, que se efetivou entre fins de 1958 e início de 1959. Acreditamos, contudo, que para compreender com afinco sobre essa movimentação em massa na década de 1950, precisamos refletir sobre a importância desses espaços de acolhimento para os nordestinos no recorte temporal analisado e em outros.

Os primeiros espaços de acolhimento construídos no país remontam ao século XIX, quando o governo imperial iniciou seu projeto de deslocamento de estrangeiros para o Brasil. Neste recorte, foram construídas as principais hospedarias que acolhiam imigrantes: a Hospedaria de Imigrantes do Brás (São Paulo) e a Hospedaria da Ilha de Flores (Rio de Janeiro).³ Espaços que, posteriormente, iriam acolher também os migrantes nacionais, sobretudo nos momentos de estiagem.

Com relação à Hospedaria da Ilha de Flores, um dos momentos em que se registrou uma presença mais significativa de migrantes nacionais nas suas instalações foi durante a seca de 1915. Nesse contexto, diversos cearenses foram enviados para o local, fugindo das dificuldades impostas pela estiagem. Jornais de circulação nacional, como o periódico *A Noite*, relataram o episódio. Na edição de 21 de agosto de 1915, o jornal descreve a chegada de “361 emigrantes pelo pacote ‘*Satélite*’” ao Rio de Janeiro, muitos dos quais apresentavam um estado físico lastimável – extremamente magros, com aparência cadavérica e abdômens inchados. Segundo a publicação, essa condição era resultado da alimentação precária, baseada por vários dias apenas em

2 NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relumê Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. p. 83.

3 Na impossibilidade de analisar detalhadamente no respectivo artigo sobre a criação das primeiras hospedarias criadas no Brasil, ainda no século XIX, indicamos ver MOURA, Soraya. **Hospedaria de imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. REZNIK, Luís. FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da ilha de Flores. **Revista História**, São Paulo, v. 33, n. 1, jun.-jul. 2014. UDAETA, Rosa Guadalupe Soares. **Nem Brás, nem flores**: Hospedaria de Imigrantes da Cidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

raízes de umbu, que teriam o efeito de desidratar o corpo e causar inchaço abdominal desproporcional.⁴

O jornal também mencionava que tais imagens despertavam uma “curiosidade mórbida” em parte dos moradores da capital. Além das descrições, a reportagem buscava oferecer um retrato mais próximo de alguns desses migrantes. Entre eles estava Inocência de Conceição. Ela partiu de Várzea Alegre rumo a Fortaleza, fazendo a travessia a pé. Durante o percurso, passou três dias sem comer, o que resultou na morte de uma de suas filhas. Quando finalmente chegaram à capital cearense, foram encaminhados, junto com outros migrantes, por navio, até a Hospedaria da Ilha das Flores.

Posteriormente, após os acordos entre o Brasil e os EUA, em 1942, diversas hospedarias e pousos, entre as cidades do Norte e do Nordeste, foram criadas com o intuito de agilizar o deslocamento dos nordestinos para a Amazônia. Podemos citar, como exemplos, o pouso do Prado (Fortaleza) e as hospedarias Getúlio Vargas (Fortaleza), Tapanã (Belém) e Eduardo Ribeiro (Manaus).

Naqueles espaços de acolhimento, os retirantes, enquanto aguardavam o transporte que os levaria para outras paragens, às vezes por meses, experienciaram a ausência de estruturas adequadas, má alimentação, entre outros problemas. As problemáticas a respeito das dificuldades enfrentadas pelos migrantes nordestinos foram amplamente discutidas por diversos autores, dentre eles podemos citar: André L. V. Campos, Pedro Martinello e Maria Verônica Secreto. Outro pesquisador de suma importância para se compreender o perfil, os motivos para se migrar e os percalços enfrentados pelos sertanejos que se encaminhavam para a Amazônia, na década de 1940, foi Samuel Benchimol.⁵ Esses são apenas alguns exemplos de pesquisadores que se dedicaram a entender o processo de deslocamento dos nordestinos entre 1942 e 1945.

Mas entre esses espaços de acolhimento criados pelo governo federal, o que mais ganhou destaque na imprensa, e tornou-se a principal referência para os migrantes nordestinos, foi a Hospedaria Getúlio Vargas. Inaugurada em 1943, com o intuito de se tornar um modelo de organização para os outros recintos de hospedagem, passou por diversos reveses na década de 1950. Um espaço percebido como um “território da espera”,⁶ pois os migrantes, ao invés de permanecerem apenas oito dias nas dependências dessa hospedaria, para realizarem exames médicos, aplicação de vacinas e retirada de documentos, permaneciam por um longo período, aguardando passagens subsidiadas pelo

4 **A Noite**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1915. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

5 CAMPOS, André Luiz Vieira. **Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas**: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha na Segunda Guerra Mundial**. 2ª ed. Rio Branco: Edufac, 2018. SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco-antes e além-depois. Editora Umberto Calderano, Manaus, 1977.

6 CHRYSOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. VIDAL, Laurent. Do depósito à hospedaria de imigrantes: gênese de um “território da espera” no caminho da emigração para o Brasil. **Revista História, Ciências e Saúde. Manguinhos**, Rio de Janeiro, p. 1-23, jun. 2013.

governo. Além disso, enfrentavam diversos problemas: fome extrema, desorganização, superlotação, doenças e mortes. Diante de tantos percalços, os retirantes envolveram-se em movimentos sociais e políticos contestatórios, em busca de melhores condições de vida, tais como passeatas da fome, revoltas e motins.

Assim, no auge da seca de 1958, quando havia na Hospedaria Getúlio Vargas aproximadamente 12 mil pessoas, os sertanejos organizavam passeatas e vinculavam-se aos operários e estudantes, exigindo alimentação, passagens para migrar e, sobretudo, condições mais dignas de vida. No intuito de resolver essa problemática, o governo federal propôs a migração em massa de milhares de sertanejos, sem se preocupar se haveria trabalho, comida e/ou abrigo nos locais para onde estavam sendo encaminhados.

“Operação Flagelados”: a migração forçada dos migrantes nordestinos

AS PRIMEIRAS INFORMAÇÕES sobre a “Operação Flagelados” foram divulgadas pelo *Jornal do Brasil*, na edição de 28 de novembro de 1958. A reportagem anunciava que a respectiva operação teria início em 6 de dezembro, data prevista para o transporte dos sertanejos rumo à Amazônia e a Brasília. A decisão foi tomada após reuniões entre o ministro da Viação e Obras Públicas Lúcio Meira, o presidente do INIC Valter Chechela, e um representante da Marinha Mercante. Assim, ficou determinado que

o transporte, a ser operado por navios da Marinha Mercante com a colaboração de transportes da Armada, será iniciado a 6 de dezembro próximo. Foi organizada uma escalação que é a seguinte: O navio *Itanajé*, da Companhia Costeira, embarcará em Fortaleza, nos dias 6 e 20 de dezembro, flagelados destinados a Santarém, no Amazonas. O navio-transporte *Ari Parreiras* embarcará nos dias 8, 13 e 18 do mesmo mês e no mesmo porto outros retirantes destinados a Belém. O transporte *Soares Dutra*, também da Marinha de Guerra, embarcará nos dias 20, 25 e 30 de dezembro e 3 de janeiro, em Fortaleza, flagelados para Belém e para o sul do País. Oportunamente a Força Aérea Brasileira entrará também na ‘Operação Flagelados’, transportando diretamente para Brasília alguns milhares de nordestinos.⁷

Apesar das informações veiculadas pelo periódico citado anteriormente – que detalharam datas, nomes das embarcações e demais meios de transporte, além dos destinos previstos para os retirantes –, a análise de outros jornais revela que alterações, oportunistas ou não, foram feitas no plano inicial da operação. Essas modificações são evidenciadas em uma reportagem publicada pelo jornal *Correio da Manhã*, na edição de 19 de dezembro de 1958. Nela, o técnico do INIC Francisco Vilela afirma que a operação “teve início há 15 dias atrás, quando o navio *Almirante Alexandrino* transportou para o Rio (Ilha das Flores), destinados ao Paraná e Goiás, 600 migrantes”.⁸

7 OPERAÇÃO flagelados (por mar) começará dia 6. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 9, 28 nov. 1958. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

8 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 dez. 1958. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

É importante destacar que o navio *Almirante Alexandrino* foi responsável pelo transporte das famílias dos cearenses Francisco Tavares Filho e Ana Chélida dos Santos no início de dezembro de 1958, como mencionado anteriormente. A travessia desses sujeitos, entre Fortaleza e o Rio de Janeiro, durou oito dias (entre 2 e 10 de dezembro), e foi realizada de forma voluntária, ou seja, os próprios migrantes se alistaram com o objetivo de partir rumo à capital fluminense, contando com passagens subsidiadas pelo governo federal. O mesmo não ocorreu, contudo, com diversos outros sertanejos alistados nesse mesmo período.

Dessa forma, o deslocamento em massa dos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas teve início antes da data inicialmente prevista pelos agentes do INIC – especificamente, em 2 de dezembro de 1958. Supõe-se que os responsáveis pela “Operação Flagelados” tenham aproveitado a chegada da embarcação à capital cearense – proveniente da Europa e trazendo imigrantes estrangeiros – para dar início à transferência dos abrigados nas dependências do alojamento federal, assim como de moradores de Fortaleza que, eventualmente, se alistaram em busca de passagens para migrar do Ceará.

O técnico do INIC Francisco Vilela informou ainda que, nesse mesmo período, chegaram a Fortaleza os primeiros aviões que transportaram, até meados de dezembro de 1958, aproximadamente 360 pessoas, levando-as para Brasília e Anápolis. Além disso, de forma concomitante, o navio *Ary Parreiras* realizou duas viagens para Belém – transportando 792 pessoas na primeira viagem e 1.012 na segunda travessia – e a embarcação *Itanajé* transportou 800 migrantes para Santarém.

Percebemos assim que, o plano original de iniciar esse deslocamento em massa através do navio *Itanajé* não se concretizou. Além dessa operação ter se iniciado com o navio *Almirante Alexandrino* alguns dias antes da data prevista, o transporte aéreo, que era apenas cogitado a princípio, foi concretizado no início do mês de dezembro, sendo responsável por levar outros migrantes para a Hospedaria da Ilha de Flores, no Rio de Janeiro. Sujeitos esses que foram encaminhados posteriormente para os cafezais no Paraná ou para a construção de Brasília.

Esses primeiros migrantes trazidos por meio dessa força tarefa, alojados na Hospedaria da Ilha de Flores – entre eles Francisco Tavares Filho e Ana Chélida dos Santos – passaram por exames, receberam medicamentos e alimentação e foram acomodados em galpões, reservados exclusivamente para os nordestinos em deslocamento, já que os estrangeiros ficavam em outros espaços do abrigo. Mas a movimentação ficava restrita às dependências da hospedaria durante o período de espera, ou seja, no intervalo para aguardar o transporte que os levaria para os cafezais no Paraná, para Brasília ou para outro local no qual houvesse vaga de emprego.

O cearense Francisco Filho, em depoimento aos pesquisadores do Centro de Memória da Imigração da Ilha de Flores/UERJ, relatou que as pessoas poderiam se movimentar tranquilamente pela praia da ilha de Flores, mas havia a proibição de sair da hospedaria:

o único cerceamento que tinha era você não sair da Ilha, entendeu? As pessoas para sair da Ilha tinham que ter uma autorização. Então as pessoas ficavam aqui dentro da Ilha, mas aqui na Ilha a gente fazia... tinha liberdade de fazer o que quisesse.⁹

Vale ressaltar, porém, que o entrevistado destacou em seu depoimento que esse cerceamento da liberdade foi característico dessa época (1958), pois havia uma grande quantidade de pessoas entrando e saindo da hospedaria, sendo necessário um maior controle.

Essa proibição, contudo, não impedia que algumas pessoas saíssem da Hospedaria da Ilha de Flores e optassem por não retornar mais para aquele ambiente. Os motivos para tal escolha podem estar relacionados ao período de espera para se obter uma colocação de trabalho, a recusa em viajar para os locais determinados pelos responsáveis pelo abrigo ou simplesmente porque não havia, dentro dessa operação de deslocamento forçado de milhares de pessoas do Ceará, um plano para empregar efetivamente todos os sujeitos trazidos. Essa última perspectiva fica evidente na reportagem do jornal *Unitário*, em edição de 19 de dezembro de 1958, com a seguinte manchete: “Nordestinos maltrapilhos entregues à própria sorte nas ruas do Rio.” Afirmavam na matéria que

mais uma vez se repete o drama do nordestino que emigra para o sul do país e aqui é largado à sua própria sorte, sem contar com a assistência efetiva. A pressa na solução do problema que requer planejamento para sua execução vem agravar, ainda nordestinos que fugindo à miséria na sua terra, em consequência das secas, continuam a atravessar situação mais difícil ainda, numa terra estranha mais as condições dos pobres. Centenas de famintos, maltrapilhos dormem nas calçadas e bancas de jornais, aumentando o número de necessitados. Nos albergues não há espaço para comportar o número de nordestinos que chegam mais e mais, diariamente, trazendo mulher, filhos e parentes.¹⁰

No jornal não há o nome de quem seria o responsável por realizar o deslocamento desassistido de milhares de nordestinos para o Rio de Janeiro, possivelmente porque o jornal *Unitário* pertencia aos Diários Associados e estava bastante alinhado com as propostas governamentais. Por outro lado, a reportagem evidenciava como esses sujeitos perambulavam pelas ruas da cidade, sem qualquer auxílio, engrossando o número de pedintes e “necessitados”. Teriam saído todos da Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, sendo transportados em navios e aviões para aquela região do Sudeste? Provavelmente a maioria das pessoas que estava se movimentando pela urbe naquele período tivesse feito a travessia pelo projeto denominado “Operação Flagelados”, tendo em vista que o periódico citou um plano de deslocamento em massa dos indivíduos, o qual foi realizado apressadamente.

Enquanto, no Ceará, o jornal *Unitário* publicava, no mesmo dia, uma edição possivelmente crítica ao projeto ‘Operação Flagelados’, no Rio de Janeiro o periódico

9 Francisco Tavares Filho. Entrevista de Francisco Tavares Filho ao Centro de Memória da Imigração da Ilha de Flores/UERJ, Rio de Janeiro, em 25 ago. 2015.

10 NORDESTINOS maltrapilhos entregues à própria sorte nas ruas do Rio. *Unitário*, Fortaleza, p. 1, 19 dez. 1958. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Correio da Manhã exaltava, em sua edição de 19 de dezembro de 1958, os benefícios trazidos pela iniciativa:

segundo o técnico do INIC, que esteve há pouco em Fortaleza, Belém, Manaus e Santarém, a Operação Flagelados constitui um esforço conjunto do INIC, Ministério da Viação e Obras Públicas, Aeronáutica, Exército e Marinha, tendo como objetivo um escoamento a curto prazo dos 12 000 migrantes que se encontravam alojados na Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza. Tal esforço conta com a participação dos navios de guerra *Ary Parreiras* e *Soares Dutra*, bem como do navio *Itanajé* da Costeira, de caminhões do Exército e aviões da FAB. A Operação teve início há 15 dias atrás, quando o navio *Almirante Alexandrino* transportando para o Rio (Ilha de Flores), destinados ao Paraná e Goiás 600 migrantes.¹¹

Nessa reportagem, o técnico do INIC esclareceu as mudanças que o projeto inicial sofreu, iniciando-se o “escoamento” dos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas pela região Sudeste e Centro Oeste, como citou-se anteriormente. Mas a imensa maioria dos migrantes se deslocava em direção à Amazônia. A partir de um levantamento realizado no abrigo federal, no final de novembro, estimava-se que das 12 mil pessoas, “cerca de 10 000, 80% portanto, desejam ir para a Amazônia”. Somente para a região de Santarém, no Pará, os navios da Marinha de Guerra e *Itanajé* realizaram “mais duas viagens, cada uma transportando cerca de 1.000 migrantes”.¹² Havia, contudo, um problema com relação a essa massiva migração para a região amazônica: a colocação nos seringais e em outros espaços de trabalho.

Os jornais que circulavam na região amazônica também relataram os desafios enfrentados pelos sertanejos submetidos à migração forçada para aquela área. O *Jornal do Comércio* (Amazonas), por exemplo, publicou, em 16 de janeiro de 1959, uma reportagem sobre a jornada de 960 nordestinos que haviam embarcado em Fortaleza no navio *Cuiabá* e chegaram a Manaus no dia 15 de janeiro, sendo todos acomodados na Hospedaria Eduardo Ribeiro. Antes de alcançarem a cidade, no entanto, enfrentaram sérias dificuldades durante a viagem: foram registradas nove mortes – oito crianças e um homem de 60 anos – causadas por sarampo e febre.¹³

O *Jornal do Comércio* noticiava ainda que, com a chegada desses 960 nordestinos, a Hospedaria Eduardo Ribeiro havia excedido sua capacidade de acolhimento, mas a administração da hospedaria havia conseguido acomodar todos, embora existisse o desconforto. A perspectiva do jornal era amenizar a situação de calamidade vivenciada no abrigo federal em Manaus, tendo em vista que pertencia ao grupo Diários Associados. Em outros periódicos, contudo, encontramos críticas ferrenhas contra a “Operação Flagelados” e as ações dos governantes na região amazônica.

Na *Revista Maquis*, publicada no dia 25 de abril de 1959, o governador do estado do Amazonas Gilberto Mestrinho, em represália à mensagem presidencial de Juscelino

11 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 3, 19 dez. 1958. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

12 Ibidem, p. 3.

13 QUASE MIL nordestinos chegaram ontem pelo “Cuiabá” em busca de trabalho. *Jornal do Comércio*, Manaus, p. 6, 16 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Kubitschek (JK), cedeu uma entrevista ao periódico. Sua indignação estava relacionada à afirmativa do presidente, que foi publicada pelo Congresso Nacional em 15 de março, na qual declarou que o aeroporto de Manaus havia sido concluído, assim como a usina termelétrica. Além disso, JK afirmou que a capital amazonense era abastecida por gêneros alimentícios da Colônia Boa Vista, e os portos de Itacoatiara e Parintins estavam em fase de conclusão. Ações que o então governador alegou serem mentirosas.

De acordo com a *Revista Maquis*, o governador Mestrinho enviou ainda um telegrama ao presidente JK “denunciando a situação em que se encontram os 840 flagelados na hospedaria ‘Eduardo Ribeiro’ do INIC”. Documento que não chegou a ser entregue ao presidente da República, pois foi considerado “áspero e enérgico”. O chefe da Casa Militar general Nelson de Melo “achou-o impróprio e respondeu ao governador que a mensagem não chegara ao destinatário por ser inconveniente”. Com a recusa, Gilberto Mestrinho enviou outro telegrama à Casa Militar, afirmando que “ninguém gosta de ouvir a verdade [...]”.¹⁴

No periódico *O Jornal*, na edição do dia 8 de abril, há uma reportagem sobre esse telegrama, cujo título era “Falta de civilidade”. Tal alcunha foi atribuída devido ao linguajar utilizado na correspondência, considerado de uma “indecente vulgaridade”. Informaram ainda, tal como a revista, que

o chefe da Casa Militar da Presidência devolveu ao governador Gilberto Mestrinho o telegrama que endereçara ao chefe do Estado, considerando impróprio entregar-lhes o documento, tal a maneira por que o autor o redigira.¹⁵

O jornal alertava que a atitude do governador nada afetava o presidente JK, pois essa ausência de civilidade “só contra o próprio governador se volta, pois demonstra como lhe falta preparação psicológica e educação para o alto cargo que está exercendo”. De acordo com o jornal, suas ações não eram compatíveis com um representante de um partido populista – o PTB, partido ao qual pertencia –, que deveria ser de “gentileza e educação no comércio com os outros homens”.¹⁶

As falas do governador Gilberto Mestrinho, que foram consideradas vulgares, foram publicadas pelo jornal *Correio da Manhã* em 14 de abril de 1959. Uma parte do seu discurso tratava sobre a problemática da imigração:

vi a miséria dos imigrantes e a irresponsabilidade do INIC. Sei do esbanjamento das fortunas que se tem feito no Sul do país à custa de imigração e colonização. Conheço, em minúcias e pessoalmente os integrantes do grupo Waider, da Progresso Rural, a quem o governo da União deu Cr\$ 300 milhões para cuidar do problema das colônias, e o pessoal fugiu para Paris. São essas coisas que o general Nelson de Melo não quer que se diga ao presidente da República. Retratei a situação dos imigrantes em um telegrama sincero. A desoladora situação da hospedaria está aí, para

14 Governador do Amazonas afirma: é mentirosa a mensagem presidencial. *Revista Maquis*, Rio de Janeiro, p. 9, 25 abr. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

15 FALTA de civilidade. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 4, 8 abr. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

16 Ibidem.

quem quizer ver. Fique o general certo: não mentirei mesmo que seja para agradar ao presidente.¹⁷

Sem mencionar diretamente a “Operação Flagelados”, o governador Mestrinho fez duras críticas à atuação do INIC no processo de deslocamento de milhares de nordestinos para a região amazônica nos primeiros meses de 1959, o que resultou na superlotação da Hospedaria Eduardo Ribeiro em Manaus. Segundo ele, essa situação já havia sido comunicada ao presidente da República. O governador também condenou a atuação do órgão de imigração no sul do país, apontando os altos investimentos nas colônias e denunciando suspeitas de desvio de recursos públicos. Embora não tenhamos encontrado informações precisas sobre o grupo Waider, é provável que ele estivesse relacionado a projetos de colonização e à alocação de trabalhadores — tanto nacionais quanto estrangeiros — nas plantações de café da região do Paraná.

Além do governador do Amazonas, outros sujeitos, sobretudo atrelados à imprensa, denunciaram a saída maciça e desorganizada de milhares de trabalhadores nordestinos da cidade de Fortaleza, entre os últimos meses de 1958 e o início de 1959, em direção a diversas paragens do Brasil. Uma das principais vozes de protesto era o jornal *Voz Operária*, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e publicado no Rio de Janeiro.

Em 17 de janeiro de 1959, o periódico *Voz Operária* publicou uma longa matéria expondo os percalços vivenciados pelos nordestinos, tanto na Hospedaria Getúlio Vargas (Fortaleza) como nas cidades do interior cearense, de São Paulo e nos rincões amazônicos. A reportagem, realizada pelo jornalista Annibal Bonavides, iniciava-se com a seguinte manchete: “Por trás da Pomposa ‘Operação Flagelados’ há um crime do Governo”. O delito, de acordo com o periódico, teria sido transportar aproximadamente 11 mil retirantes “às pressas, em aviões da FAB, navios da Lóide e da Marinha de Guerra, e em caminhões fretados pelo governo federal, para portos distantes da Amazônia, do Brasil Central e do sul do país”. O motivo para essa urgência no deslocamento seria solucionar o “problema social” que esses migrantes pobres representavam, podendo ser um “perigo latente para a segurança das instituições”.¹⁸

O temor era que esses 11 mil retirantes pudessem se revoltar, como concretamente ocorreu em algumas ocasiões na Hospedaria Getúlio Vargas, durante o ano de 1958, sendo necessário realizar o deslocamento em massa desses migrantes rapidamente. Na concepção do jornalista Bonavides, esse “êxodo improvisado e em tempo record” lembrava a “batalha da borracha, ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial, quando milhares de cearenses foram sacudidos criminosamente nas selvas do extremo-norte”. Assim,

como na “batalha da borracha”, também na “operação flagelados” os cearenses são conduzidos para lugares bem distantes e lá abandonados à

17 **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 abr. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

18 POR TRÁS da pomposa “Operação Flagelados” há um crime do governo. **Voz Operária**, Rio de Janeiro, p. 5, 17 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

sua própria sorte. Notícias procedentes de Santarém e de Manaus, trazidas por pessoas chegadas recentemente a Fortaleza, dizem que numerosas famílias de emigrantes já andam pelas ruas das cidades, pedindo esmola. Isto significa que a única preocupação dos promotores da “operação flagelados” consiste apenas em organizar a retirada em massa, não havendo, porém, recepção e encaminhamento nos locais de destino.¹⁹

Uma das principais queixas do jornalista era o abandono sofrido pelos trabalhadores nordestinos que eram forçados a migrar pela “Operação Flagelados”, tal como havia ocorrido nos anos de 1940, quando milhares de sertanejos foram encaminhados para a Amazônia no interregno da Segunda Guerra Mundial, não havendo uma preocupação dos agentes do poder com a seleção daqueles que iriam trabalhar nos seringais, assim como em quais locais seriam alocados. Além do descaso com o destino final dos retirantes, a movimentação desses retirantes pelas ruas das cidades causava pânico nas elites locais e nos governantes, como observamos a partir da fala do governador do Amazonas.

Como seria possível solucionar esse problema relacionado ao deslocamento desorganizado e irresponsável dos nordestinos para os rincões amazônicos? A solução apontada pelo jornal *Voz Operária* seria a aplicação “honesta das verbas federais” em obras assistencialistas aos “irmãos flagelados”, sendo esse dinheiro fiscalizado pelo governo federal para impedir roubos e desvios. Além disso, deveria haver o “pagamento de salários dignos aos trabalhadores”, assim como assistência sanitária e hospitalar nos locais de serviços e “da planificação das obras de emergência a fim de que as mesmas possam resultar no próprio desenvolvimento da economia regional [...]”.²⁰ Na perspectiva do jornal ligado ao PCB, somente com mudanças significativas nas condições de trabalho dos nordestinos essa migração forçada e em massa cessaria.

Na data da publicação da matéria do jornalista Annibal Bonavides, dia 17 de janeiro de 1959, o jornal *Diário da Noite* (São Paulo) – pertencente ao grupo Diários Associados, que apoiava as ações do governo federal – publicou também uma longa reportagem condenando a “Operação Flagelados”, cujo título era “Flagelados Nordestinos viajam como animais para a Amazônia”. A publicação havia sido realizada em lócus, ou seja, na cidade de Belém (PA), pelos enviados especiais Pery Augusto e Wilson Guerra, sendo entrevistado o funcionário do INIC Walter Orlando Negrão, do Maranhão, cuja palavras foram as seguintes

se o governo federal se decidisse a manter os nordestinos em seus lugares de origem, dando-lhes toda a assistência – alimentação, vestuário e casa – gastaria muito menos do que vem despendendo com as viagens para a Amazônia”.²¹

Apesar do citado periódico pertencer a um grupo que apoiava os planos do presidente JK, o mesmo fez duras críticas às ações governamentais, apoiando-se, sobretudo, no depoimento

19 Ibidem.

20 Ibidem, p. 5.

21 FLAGELADOS nordestinos viajam como animais para a Amazônia. *Diário da Noite*, São Paulo, p. 16, 17 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

do funcionário do INIC que administrava a Hospedaria Tapanã em Belém. Naquele recinto de hospedagem, os repórteres Pery Augusto e Wilson Guerra acompanharam o desembarque de 1.600 sertanejos que partiram de Fortaleza em direção à capital paraense no navio *Itanajé*, que havia aportado recentemente na cidade. Relataram que

só nessa viagem em virtude das péssimas condições de saúde em que viajaram e, sobretudo, em face da falta de assistência morreram nada menos de seis crianças: cinco a bordo e uma ao desembarcar no cais do porto da capital paraense.²²

Um relato em torno da mortalidade, sobretudo infantil, que se tornou corriqueira na respectiva hospedaria durante as grandes secas da década de 1950 (1951-1953 e 1958). De acordo com Neves, em 1958, na “Amazônia, as condições de vida e de trabalho podiam ser até piores do aquelas deixadas para trás, no Ceará”. Além disso, “para os proprietários de seringais e outros empreendimentos agrícolas, muito mais vantajoso, neste momento, era a contratação dos recém-chegados japoneses [...]”.²³ Tal vantagem estava relacionada à força de trabalho, assim como à economia trazida por esses estrangeiros.

Na seca anterior, que atingiu o Nordeste entre 1951 e 1953, os problemas relacionados à migração em massa para a região amazônica eram semelhantes. Castro nos informa que na “Região Amazônica, as hospedarias estavam abarrotadas, morrendo diariamente diversas crianças na hospedaria Tapanã – chamada também de hospedaria do diabo”.²⁴ Na tentativa de assegurar locais mais adequados para receber esses retirantes nordestinos, em 1951, uma comitiva de políticos cearenses percorreu “as cidades de Belém (PA), Manaus (AM), Macapá (AP) e Boa Vista (RR), sendo recebidos com congratulações por autoridades locais”.²⁵ Durante a estadia dos políticos, as principais hospedarias da região Norte foram visitadas, estabelecendo-se, por exemplo, a construção de uma hospedaria em Manaus.

Na estiagem de 1958, porém, não houve qualquer iniciativa dos políticos para se averiguar as condições sanitárias e estruturais dos espaços que abrigariam os sertanejos. Na concepção dos jornalistas do jornal *Diário da Noite*, a principal preocupação dos agentes do poder era apenas deslocar essas milhares de pessoas para diversas regiões do país, sendo esta ação considerada por estes um “um crime inominável” e por diversas razões.

Crime por se fazer o deslocamento de uma região para outra sem qualquer estágio para a adaptação. Crime pela falta de assistência. É crime sobretudo pela inconcebível falta de critério na seleção dos imigrantes. Em média o nordestino (é estatística oficial), quando imigra conduz mulher e cinco filhos. Vimos nas hospedarias de Belém, o caboclo João Batista Pereira, natural de Icó (Ceará), cuja família era constituída de mulher e doze filhos, todos

22 Ibidem, p. 16.

23 NEVES, op. cit., p. 217.

24 CASTRO, Lara de. Políticas antimigratórias: entre as tentativas de imobilização através da oferta de trabalho em obras públicas e a pujante vigilância nas fronteiras. In: **Nortes migrantes**: deslocamentos, trajetórias e ocupação na Amazônia brasileira. CANCELA, Cristina Donza; CASTRO, Lara de Castro (org.). Brasília: Senado Federal, 2023. p. 272.

25 Ibidem, p. 273.

menores sendo o mais velho de 14 anos. Um homem com tão grande carga não há seringalista que o queira em seu sítio pois só pode dar prejuízo. Está fadado a ficar mofando nas infectas hospedarias, sem qualquer possibilidade de colocação e sem direito – isso é de estarrecer – à passagem de regresso.²⁶

A ausência de critérios para a seleção dos sertanejos que iriam para a região amazônica, como é perceptível nas fontes citadas, era uma das principais reclamações e uma constante preocupação, pois sem um período de treinamento e de adaptação, muitos eram aqueles que desistiam do trabalho no seringal e buscavam retornar ao Nordeste. Um desejo que muitos deles, porém, não concretizavam, pois morriam pela floresta amazônica sem conseguir regressar para suas localidades. Outro problema apontado pelos jornalistas Pery Augusto e Wilson Guerra era o tamanho da prole dos nordestinos que se alistaram na Hospedaria Tapanã, o que dificultava a colocação nos seringais.

Quanto maior fosse esse tempo de espera nas hospedarias federais (Getúlio Vargas, Tapanã e Eduardo Ribeiro), maiores eram as possibilidades desses nordestinos contraírem alguma doença nas dependências dos abrigos ou buscarem exercer alguma atividade nas cidades que se encontravam, para obter qualquer remuneração. O jornal *Diário da Noite* apontava que essa necessidade de movimentar-se pelas ruas da urbe em busca de trabalho fazia-se obrigatória quando a permanência nas respectivas hospedarias era impedida, devido a ínfima verba “per capita” destinada a cada pessoa por dia, não vai além da insignificante quantia de Cr\$ 16,90 (dezesseis cruzeiros e noventa centavos). Qualquer imigrante estrangeiro estagiando na ilha de Flores, só com o almoço gasta duas vezes mais. Daí porque hoje em dia as ruas de Belém e de Manaus estão povoadas de mendigos, oferecendo um triste e comovente espetáculo.²⁷

A comparação entre o tratamento dispensado aos imigrantes estrangeiros alocados na Hospedaria da Ilha de Flores (Rio de Janeiro) com os migrantes nacionais abrigados nas hospedarias federais localizadas no Norte e no Nordeste era bastante pertinente. A partir de relatos de outros sujeitos, inclusive de brasileiros que estiveram na ilha de Flores nos anos de 1950, como, por exemplo, o cearense Francisco Filho – que chegou naquele espaço em 1958 –, havia uma farta alimentação para as pessoas que estavam alistadas. Em depoimento à equipe de entrevistadores do Centro de Memória da Ilha de Flores, afirmou que:

olha, o café normalmente começava, eu acho que, por volta de seis e meia, sete horas e ia até umas oito horas, mais ou menos, o café da manhã. Aí o almoço começava onze horas e ia até eu acho que umas 13... eu acho que até um pouco mais. [...] Impressionante a quantidade de comida que se manuseia num refeitório para atender três mil pessoas! Olha, é muita coisa! E aquilo funciona quase que vinte e quatro horas por dia, entendeu? Porque você faz o pré-preparo de uma comida, faz a comida, já tem que estar fazendo o pré-preparo e aquele negócio... então tinha movimento o dia inteiro. Aí eu acredito que o almoço tinha uma extensão, eu acho que de onze até uma, uma e meia,

26 FLAGELADOS nordestinos viajam como animais para a Amazônia. *Diário da Noite*, São Paulo, p. 16, 17 jan. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

27 Ibidem.

sei lá, uma coisa assim do gênero e o jantar era de cinco horas até umas seis e meia, por aí... sete horas. Mas era farto, qualidade a gente notava assim... porque era... o ambiente era limpo. É aquilo que eu falo, aquele refeitório era lavado todos os dias de manhã, no almoço... pós-almoço e pós-jantar, ele não dormia sujo, era lavado todos os dias. [...] E fato: porque a turma que gostava de comer bastante, comia bem.²⁸

Assim, enquanto havia diversos relatos de escassez extrema de gêneros alimentícios nas hospedarias geridas pelo INIC em Belém, Manaus e, sobretudo, Fortaleza, o que se propagava sobre a Hospedaria da Ilha de Flores era que havia organização, estrutura física para acolher os imigrantes estrangeiros e os migrantes nacionais e fartura de alimentos. Vale ressaltar que o jornal *Diário da Noite*, publicado em São Paulo, não foi o único periódico a criticar essa disparidade de investimento do INIC entre suas hospedarias federais. O mesmo jornal, mas que circulava na cidade do Rio de Janeiro, publicou, na edição do dia 24 de fevereiro de 1959, uma reportagem na qual se afirmava que

enquanto na ilha das Flores agasalha imigrantes ricos, protegidos pelas autoridades governamentais, os nossos imigrantes estão aí, aos olhos de todos, abandonados, reduzidos ao mais triste espetáculo de miséria, como se não tivessem direito de viver em seu próprio país.²⁹

Esse mesmo jornal trouxe diversas outras informações sobre o “drama angustioso dos Nordestinos” que migravam pela “Operação Flagelados”. O repórter responsável pela matéria, Evaristo Cardoso, encontrava-se em Belém e relatou suas impressões sobre a situação dos nordestinos na capital paraense, tecendo graves críticas à atuação do INIC. Sua escrita apontava inicialmente para as péssimas condições durante a travessia das pessoas entre as terras nordestinas e a região amazônica, afirmando que estas eram entulhadas nos navios e seguiam para destinos ignorados. Além disso, afirmava que “cada navio que aporta ao cais de Belém traz uma carga diferente, trapos humanos, famintos, esqueléticos, que são espalhados no asfalto, como se fossem uma ‘carga perigosa’”.³⁰

A travessia desorganizada e forçada dos nordestinos, saindo da Hospedaria Getúlio Vargas em Fortaleza para diversas regiões do Brasil na infame “Operação Flagelados”, efetivamente era uma tentativa de desalojar uma multidão da capital cearense, considerada perigosa e que poderia a qualquer instante cometer saques, realizar motins, entre outras ações de massa. Com isso, o jornal *Diário da Noite* alertava que, para os agentes do INIC, o mais importante era transferi-los para outros espaços no menor tempo possível, mesmo que isso significasse abandoná-los à própria sorte, como é possível compreender a partir do trecho abaixo:

não há ordem e nem endereço certo para a colocação desses infelizes, que a seca torna mais infelizes ainda. Com uma ficha na mão, são elas autênticas

28 Francisco Tavares Filho. Entrevista de Francisco Tavares Filho ao Centro de Memória da Imigração da Ilha de Flores/UERJ, Rio de Janeiro, em 25 ago. 2015.

29 CONTINUA o drama angustioso dos nordestinos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

30 Idibem.

‘cartas de prego’. Ficam ao léu, em promiscuidade, guardando outro transporte para levá-los pelo Amazonas acima. Para onde vão? Ninguém responde certo. As autoridades imigratórias sacodem os ombros e apontam uma solução sempre desumana. Superlotam os porões de outros navios e acreditam cumprir seu dever. Vão os pobres imigrantes nordestinos para rumo ignorado.³¹

O abandono dos nordestinos nos locais para os quais eram deslocados era denunciado constantemente pela imprensa nacional. Além disso, o repórter Evaristo Cardoso, correspondente do jornal *Diário da Noite*, relatava que o prefeito da cidade de Santarém (Pará) havia enviado uma declaração formal ao Serviço de Navegação na Amazônia e Administração do Porto do Pará (SNAPP), informando “que não permitirá mais a atracação de nenhum dos seus navios, para evitar que flagelados nordestinos ali desembarquem”. Sua atitude era considerada pela reportagem como autoritária, tendo em vista que não teria competência para tomar tal decisão. A fala de Cardoso colocava em xeque as ações do próprio INIC e seu projeto de deslocamento em massa dos migrantes, pois “onde estão os planos de amparo aos pobres nordestinos, que aqui chegam aos montes, sem local definido de permanência?” Chegou à conclusão que havia

apenas descaso, desinteresse das autoridades em dar ao flagelado nordestino a atenção que ele merece, protegendo-o contra maiores infelicidades, sobretudo as crianças, que mais sofrem. Mal alimentados, não são mais do que párias abandonados pelos seus próprios irmãos.³²

A reportagem de Evaristo Cardoso não foi a única a se contrapor ao projeto “Operação Flagelados”, encontrando-se em oposição ao deslocamento em massa dos nordestinos até mesmo entre os apoiadores do governo federal, como foi o caso do periódico *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), que pertencia ao grupo dos Diários Associados. Críticas que eram justificadas, pois, concretizar a travessia de aproximadamente 10 mil migrantes em um curto período, para diversas regiões do país, exigiria uma organização extrema, com apoio logístico de diversas instituições, tanto em Fortaleza como nos locais para os quais estavam sendo deslocados. O que ocorreu, porém, foi o inverso, pois, as pessoas ao chegarem aos seus destinos aguardavam dias e/ou meses por uma colocação nos seringais, cafezais ou em qualquer outra atividade, recorrendo muitos à mendicância para poder sobreviver.

Apesar dos percalços relacionados à travessia e à chegada dos migrantes aos destinos para os quais se deslocavam, um dos objetivos da “Operação Flagelados” foi alcançado: a Hospedaria Getúlio Vargas foi esvaziada e a *carga perigosa* transferida para outros locais. No início do mês de fevereiro, o jornal *O Povo* noticiava que a previsão era que a “Hospedaria ficará sem albergados este mês”. Com o deslocamento de 1.500 pessoas no mês de janeiro para diversos estados pelo navio *Itanajé* e com a travessia de

³¹ Ibidem.

³² CONTINUA o drama angustioso dos nordestinos. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1959. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

200 migrantes para a cidade de Manaus no dia 4 de fevereiro, através da embarcação *Almirante Alexandrino*, acreditava-se que, no decorrer desse mês, o abrigo federal estaria “completamente sem albergados e, para isto, o INIC está desenvolvendo todos os esforços”.³³

Os tais esforços do INIC que o jornal cearense mencionava era encaminhar para a região Norte durante o mês de fevereiro, através do navio *Itanajé*, “mais 3.000 flagelados, em duas viagens que farão a despedida do barco nesse mister”. A última viagem, prevista para o final daquele mês, seria realizada pela respectiva embarcação e “prevê-se que a Hospedaria ficará completamente desabitada”.³⁴ A mesma dedicação do Instituto de Imigração no deslocamento em massa de Fortaleza não era observada com relação à colocação de trabalho dos nordestinos nos locais para os quais migravam, que, de acordo com alguns periódicos, eram abandonados à própria sorte.

Apesar das expectativas dos agentes da migração a respeito do esvaziamento da Hospedaria Getúlio Vargas, naquele mês de fevereiro, encontravam-se ainda no abrigo federal, no dia 20 de fevereiro, aproximadamente 3 mil pessoas, que aguardavam navios para partirem para a região Norte do país. A quantidade de abrigados, embora estivesse acima da capacidade máxima da hospedaria (1.200 pessoas), aparentemente não incomodava mais o delegado do INIC Marcelino Ferreira, pois este relatou à reportagem do jornal *Unitário* que “tem sido insignificante o número de sertanejos chegados nos últimos dias àquele estabelecimento à procura de embarque”.³⁵

Mas o número exorbitante de migrantes naquele período na Hospedaria Getúlio Vargas, se comparado ao colossal quantitativo de 10 mil sujeitos que estiveram abrigados no ano de 1958, poderia ser considerado baixo. Três mil pessoas que, mesmo tendo a oportunidade de retornar ao interior do Ceará, preferiram partir em direção à Amazônia, sobretudo porque “venderam os bens que possuíam e acham arriscado se sujeitarem outra vez, em seus municípios de origem, à angustiante incerteza do inverno”.³⁶

Com base no argumento acima, alguns migrantes se justificaram ao repórter do jornal *Correio do Ceará* Bruno Maia, que no dia 13 de fevereiro compareceu à Hospedaria Getúlio Vargas na companhia do fotógrafo Geraldo Oliveira para entrevistar os abrigados e registrar a situação dos mesmos naquele espaço. A manchete da reportagem evidenciava qual era o desejo daqueles sujeitos que ainda se encontravam na hospedaria: a migração – “o inverno não chegou com força capaz de reter no Ceará os flagelados da Hospedaria: calor, moscas e um só pensamento: Amazonas!”.³⁷

33 **O Povo**, Fortaleza, 5 fev. 1959. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

34 Ibidem.

35 **Unitário**, Fortaleza, 20 fev. 1959. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

36 Ibidem.

37 O INVERNO não chegou com força capaz de reter no Ceará os flagelados da Hospedaria: CALOR, MOSCAS E UM SÓ PENSAMENTO: AMAZONAS! **Correio do Ceará**, Fortaleza, 14 fev. 1959. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

O repórter iniciou sua longa matéria afirmando que os abrigados, mesmo tendo vivenciado momentos de tristeza na hospedaria, “palco imenso de tantas dores e desesperos, de gente morrendo de fome, e doenças e de angústias”, apresentavam um semblante de felicidade com a partida para os rincões amazônicos. Além disso, informava que os

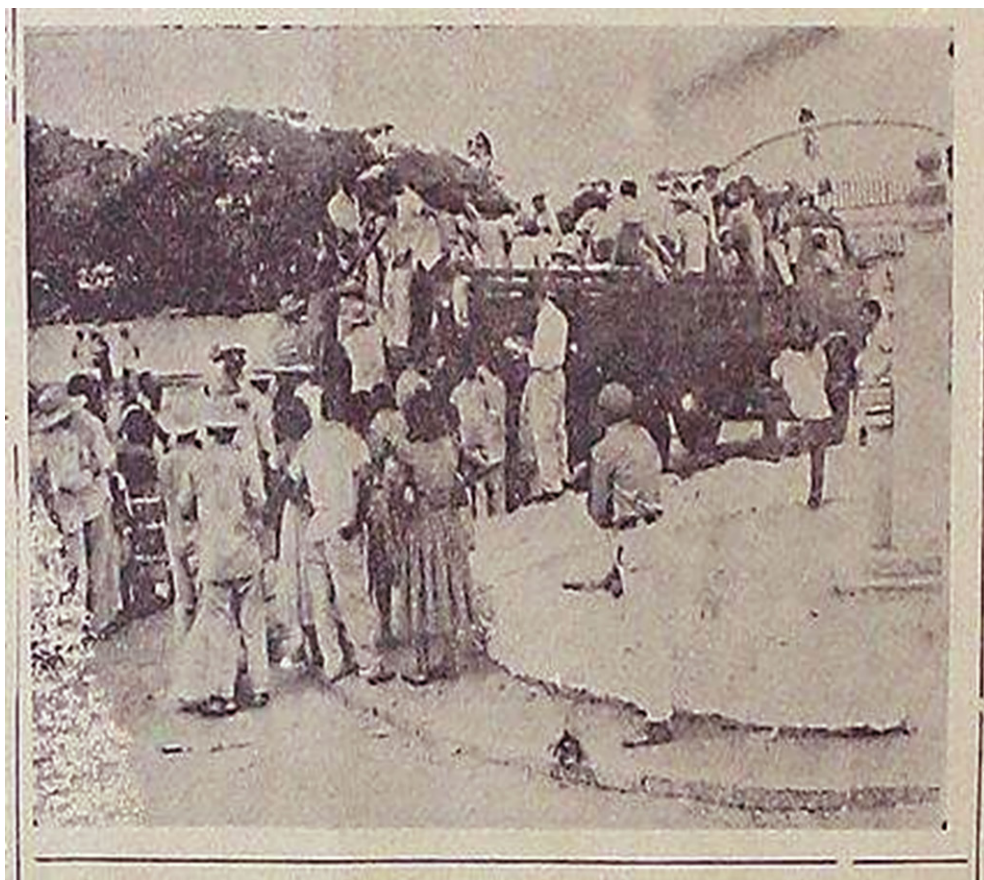
flagelados formavam filas em frente a um caminhão, onde eram empilhados como sardinhas. Aberta a parte traseira da carroceria, iam subindo, alvoroçados, para os veículos, ajudados por dois funcionários robustos, homens e mulheres, jovens e velhos, meninos, senhoras grávidas e até criancinhas de peito.

Aonde ia aquela gente satisfeita e esperançosa? Regressar, talvez, aos lares queridos, no interior, depois do exílio forçado pela seca – pensaria, à primeira vista, o observador lírico... Enganos dos enganos. O rumo era outro bem diferente. De todos os lábios partia um só brado:

– Vamos para a Amazônia!³⁸

Essa retirada desordenada em caminhões – registrada pelo fotógrafo Geraldo Oliveira, como é possível observar na imagem abaixo – que os levaria ao porto de Fortaleza era a primeira etapa dessa viagem em direção à Amazônia. Um deslocamento que levaria dias para ser finalizado, mas era desejado por muitos, de acordo com o periódico.

Figura 1. Fotografia do embarque dos retirantes em caminhões



Fonte: *Jornal Correio do Ceará*, 14 fev. 1959.

38 Ibidem.

O repórter do jornal *Correio do Ceará*, ao presenciar o diálogo entre dois sertanejos na Hospedaria Getúlio Vargas sobre a preferência de muitos sujeitos pela migração para a região Norte, publicizou a conversa:

que é que eu vou fazer no interior, meu amigo? – perguntava a outro, um dos pobres párias, na certeza embora de que não acharia resposta satisfatória. E ante o seu silêncio, o seu ‘num sei, não’ mudo, porém não menos expressivo:

– Tudo o que eu tinha lá, vendi. Arrasei-me com a seca. Não tenho mais nem um pedacinho de terra e ninguém me dá sementes. O jeito é sair daqui para a frente. Retroceder, ah, isso não.³⁹

A ausência de perspectivas, relacionadas, sobretudo, à inexistência de uma propriedade agrícola e de sementes para poder plantar, fazia com que esses sertanejos percebessem a migração como uma alternativa para melhorar suas vidas. Outro motivo, contudo, fazia com que muitos tentassem migrar o mais rápido possível: a proliferação de diversas doenças nas dependências da Hospedaria Getúlio Vargas que sucumbia inúmeros sertanejos à morte. Assim ocorreu com a jovem Rita Marques de Souza, de 17 anos, que no período em que esteve como abrigada na hospedaria perdeu a mãe, Maria Marques, “uma irmã de 21 anos de idade e dois irmãozinhos, um de três e outro de dois anos”. Diante da tragédia familiar e com medo que o restante da família morresse estava “doida pra ir pro Amazonas”.⁴⁰

Muitos sertanejos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas optaram, porém, pelo retorno às suas localidades de origem no Ceará. Para estes, a Rede de Viação Cearense colocou à disposição todas as composições que partiam da Estação Central, no centro de Fortaleza, “com destino a qualquer zona do Estado, leva atrelado, um carro, exclusivamente para o transporte de flagelados, que regressam aos lugares de origem”. De acordo com o jornal *O Povo*, alguns carros transportavam “mais de uma centena de pessoas sequiosas de voltar ao sertão”. Além disso,

o INIC está em entendimento com o Dnocs no sentido de conseguir um caminhão para uso, exclusivamente, na ‘operação-regresso’. Este veículo servirá às localidades onde não passam as linhas férreas.⁴¹

Em mais uma operação, agora de regresso ao interior, o INIC propôs uma parceria com o Dnocs demonstrando a constante preocupação dos agentes do poder com a presença de tantos nordestinos na capital cearense. O periódico *O Povo*, em reportagem publicada no dia 28 de janeiro de 1959, informava, contudo, que a Hospedaria Getúlio Vargas determinou um critério para esse retorno:

só é fornecida passagem com a vacinação antivariólica, antitífica a antiamarilica, visto ser grande os casos de doenças surgidos no albergue; e para que os candidatos ao retorno não levem a epidemia no interior do Estado, onde, felizmente o mal não têm aparecido com caráter alarmante.⁴²

39 O INVERNO não chegou com força capaz de reter no Ceará os flagelados da Hospedaria: CALOR, MOSCAS E UM SÓ PENSAMENTO: AMAZONAS! *Correio do Ceará*, Fortaleza, 14 fev. 1959. Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

40 Ibidem.

41 *O Povo*, Fortaleza, 5 fev. 1959. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

42 Ibidem, 28 jan. 1959.

A proliferação de diversas doenças nas dependências da hospedaria federal em Fortaleza, assim como a grande mortalidade, eram razões significativas para que as pessoas buscassem fugir o mais rápido possível daquele local. Assim o fizeram 78 famílias, que se inscreveram na denominada “operação-regresso” para retornar ao interior cearense. As notícias relacionadas ao retorno das chuvas no Ceará, de acordo com o periódico cearense, incentivaram esse regresso.

Essas famílias retornaram para seus rincões de origem em caminhões do Dnocs, sendo distribuídos às mesmas “gêneros alimentícios, para sustento das famílias durante a viagem e enquanto se estabelecem”. Acreditava-se que esses cereais recebidos poderiam ser utilizados também no plantio. Mas os migrantes também tinham suas exigências nesse processo de retorno, pois voltavam para suas localidades “sem meios para procederem ao trato da terra no caso de plantarem as sementes” e por isso exigiam dos agentes do poder “enxadas e instrumentos agrícolas”. O jornal *O Povo* informava ainda que

no sentido de promoverem a distribuição também de enxadas, a direção da Hospedaria está em entendimentos com o Fomento Agrícola Federal e, já se pensa que os que vão deixando a “Getúlio Vargas” poderão apanhar nas dependências do Fomento, no interior, os instrumentos a serem distribuídos; com a apresentação de um cartão que será distribuído pelo interior do INIC.⁴³

Outro periódico que evidenciou esse desejo dos sertanejos de retornarem para suas localidades de origem no interior munidos com sementes e enxadas foi o *Gazeta de Notícias*. Aliás, este jornal iniciou uma campanha, no dia 7 de fevereiro de 1959, apelando para a caridade do fortalezense, com o intuito de obter inúmeros instrumentos de trabalho. Apenas uma semana após o início da “Campanha de Auxílio aos Flagelados”, o jornal anunciava que, “recebendo quase que somente do povo, estamos com perto de 600 enxadas em nossas mãos”.⁴⁴

Assim, após inúmeras viagens em direção a diversas regiões do país ou retornando ao interior cearense, mais de 10 mil pessoas foram desalojadas forçadamente da Hospedaria Getúlio Vargas, em um curto período de tempo, sem haver uma preocupação significativa dos agentes da migração com as condições de sobrevivência nos espaços para os quais foram deslocados. O que os interessava era livrar a cidade de Fortaleza daquela carga perigosa, não sendo cogitado, inclusive, utilizar esses sertanejos como mão de obra disponível e barata em obras na capital cearense, como, por exemplo, na limpeza de ruas. Pelo menos é isto que concluímos ao analisar os documentos disponíveis que tratam sobre essa “Operação Flagelados” e não encontrar qualquer referência à possibilidade de ocupá-los em obras públicas ou privadas.

Vale ressaltar que, após o mês de março de 1959, não encontramos nos periódicos mais citações à “Operação Flagelados”, sendo um indício de que o propósito de esvaziar completamente o abrigo concretizou-se. Mas, naquele ano, as hospedarias federais do INIC

43 *O Povo*, Fortaleza, 28 jan. 1959. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

44 *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, 15 fev. 1959. Plebeu Gabinete de Leitura. Associação de Imprensa do Ceará.

– Getúlio Vargas, Tapanã e Eduardo Ribeiro – voltaram a ser alvo de análise no II Encontro de Bispos do Nordeste, realizado em Natal (RN) entre os dias 24 e 26 de maio de 1959. De acordo com Souza, a preocupação com o “desequilíbrio econômico da região” nordestina fez parte do discurso de Dom Hélder Câmara, na abertura do II Encontro de Bispos. Além disso, o “sacerdote afirmou que os bispos nordestinos complementam o planejamento da Operação Nordeste,⁴⁵ dando-lhe uma ‘nota humana e cristã’”.⁴⁶

A proposta da Igreja Católica, coadunando com as ideias de outros sujeitos, tais como governantes, proprietários de terras e imprensa, era que a migração interna fosse cada vez mais fiscalizada e, sobretudo, cerceada, construindo-se assim hospedarias em espaços rurais ao invés de abrigos nas capitais do Ceará, Pará e Amazonas. Com isso, objetivava-se amenizar os efeitos do grande deslocamento de nordestinos para as outras regiões do país, principalmente durante a estiagem de 1958 que atingiu algumas localidades nordestinas. O incentivo à migração maciça de nordestinos, através da “Operação Flagelados”, foi rapidamente esquecido, retornando-se ao discurso anterior ao período do deslocamento forçado de 1958, no qual diversos sujeitos afirmavam que o Nordeste ficaria sem trabalhadores disponíveis, havendo grande prejuízo para a produção agrícola e outros serviços.

Conclusão

A “OPERAÇÃO FLAGELADOS”, apesar de ter sido finalizada nos primeiros meses de 1959, teve consequência para além desse período. O medo que a multidão de retirantes causou nas autoridades locais e na sociedade abastada, fosse em Fortaleza ou em outros espaços, foi tão significativa que no II Encontro de Bispos do Nordeste, realizado em Natal (RN), entre os dias 24 e 26 de maio de 1959, discutiu-se sobre a

a elaboração imediata de um plano de trabalho que permita assegurar aos migrantes nordestinos uma assistência humana condigna, sobretudo aparelhando os postos de migração e modificando a orientação das hospedarias para que venham a cumprir adequadamente suas finalidades, uma vez que são ainda precárias as condições de assistência, em particular quanto ao problema de transporte e colocação.⁴⁷

Além disso, após o encontro dos bispos em Natal, algumas propostas pensadas durante o encontro foram acatadas, como, por exemplo, a ideia relacionada à criação de grupos de trabalho para transformar as hospedarias federais em hospedarias rurais. Assim, o projeto foi

45 A Operação Nordeste, que propunha soluções para acabar com o atraso e subdesenvolvimento do Nordeste, surgiu no mesmo período do II Encontro de Bispos, e seu idealizador, Celso Furtado, buscou apoio da Igreja Católica para convencer os investidores do setor privado a atuarem na região nordestina.

46 SOUZA, Ramon Felipe. **Fé, foice, facão e fuzil**: Igreja Católica, desenvolvimento e saúde no Brasil da Guerra Fria (1952-1964). 2022, 367 f. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e Saúde, Rio de Janeiro, 2022. p. 309.

47 ROCHA, Dom Jaime Vieira. Sob os signos da esperança e da responsabilidade social. In: I E II ENCONTRO DOS BISPOS DO NORDESTE. **Anais [...]**. Campina Grande, 1956/Natal, 1959. Rio de Janeiro: Presidência da República – Serviço de Documentação, 1960; Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 312.

endossado pelo presidente Juscelino Kubitschek e publicado no *Diário Oficial da União*, em 9 de julho de 1959, no qual se determinava que

Art. 1º - Fica constituído um Grupo de Trabalho com a finalidade de projetar e executar a transformação das atuais hospedarias de migrantes de Fortaleza, Belém e Manaus, em hospedarias de zona rural, sem prejuízo dos atuais programas de colonização. Art. 2º - O projeto a que se refere este decreto objetivará, inicialmente a substituição da Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, por outra em zona rural, mediante a aquisição de área de terras, onde seja possível a prática da agricultura irrigada, tendo em vista concorrer para o abastecimento daquela Capital, excluída a possibilidade de aproveitamento atual do Núcleo Colonial Pio XII.⁴⁸

No *Diário Oficial* determinava-se ainda que, no prazo de 120 dias, a partir da publicação do decreto, o INIC deveria apresentar “à Presidência da República relatório sucinto e objetivo sobre o andamento dos trabalhos, dificuldades encontradas, bem como as medidas que se façam mister para a realização do projeto”.⁴⁹

Apesar do estabelecimento do prazo de quatro meses para o envio de relatório no qual constasse os avanços das atividades relacionadas à transformação das hospedarias federais, localizadas em Fortaleza, Belém e Manaus, em abrigos de zonas rurais, não encontramos nenhuma outra referência a esse projeto nos documentos até o mês de janeiro de 1960, ou seja, em um período bem posterior ao estabelecido pela publicação do decreto pelo presidente Juscelino Kubitschek.

As hospedarias rurais, que tinham como propósito cercear a movimentação dos sertanejos pelas grandes cidades do Norte e Nordeste, não se concretizaram. Os retirantes continuaram, de forma menos intensa, a se deslocar na década de 1960 para Fortaleza, encaminhando-se, como nas décadas anteriores, para a Hospedaria Getúlio Vargas, com o intuito de migrar, sobretudo, para a região amazônica.

Recebido em: 02/07/2025

Aprovado em: 13/11/2025

48 *Diário Oficial da União*. Seção 1, 9 jul. 1959, p. 15497.

49 *Ibidem*.